

Fernando Pessoa

(Lisboa, 13 de junho de 1888 – Lisboa, 30 de novembro de 1935)

Fernando Pessoa é um dos maiores escritores portugueses, igualmente considerado como um dos mais remarcáveis a nível mundial. Tendo ficado órfão de pai aos cinco anos, cresceu em Durban, na África do Sul, com a mãe e o padrasto, Cônsul de Portugal. De regresso a Lisboa em 1905, começou por trabalhar como tipógrafo, tendo-se tornado tradutor independente para diferentes empresas de importação e exportação. A tradução será a sua principal actividade durante toda a vida. Membro da geração de Orpheu, que introduziu o Modernismo em Portugal, Pessoa produziu uma obra considerável, essencialmente poética, mas também composta por ficções, teatro e ensaios literários e filosóficos. Escreveu sob o seu nome e sob inúmeros heterónimos, autores ficcionais que dotava de uma vida, de uma personalidade, de um estilo e de afinidades literárias muito próprias. Com esta técnica, Pessoa pôde exprimir toda a sua complexidade interior e explorar várias vias estilísticas: tradicionais e inovadoras. Os seus três heterónimos mais conhecidos são Alberto Caeiro, o mestre pagão, Ricardo Reis, médico estoico e epicurista, e Álvaro de Campos, engenheiro “sensacionista”. Fernando Pessoa morreu pobre e desconhecido, mas alguns anos depois da sua morte foram descobertos mais de 25 000 textos inéditos, que Pessoa tinha escrito sob o seu nome e sob dezenas de outros nomes.

MAR PORTUGUÊS (MER PORTUGAISE)

Ó mar salgado, quanto do teu sal	Ô mer salé dans ton sel
São lágrimas de Portugal!	Combien de larmes du Portugal !
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,	Pour te franchir, combien de mères pleurèrent,
Quantos filhos em vão rezaram!	Combien de fils prièrent sans succès !
Quantas noivas ficaram por casar	Combien de fiancées ne purent se marier
Para que fosses nosso, ó mar!	Pour que tu fusses nôtre, ô mer !
Valeu a pena? Tudo vale a pena	Cela en valait-il la peine ?
Se a alma não é pequena.	Si l'âme est pleine, tout en vaut la peine.
Quem quer passar além do Bojador	Qui veut passer le Bojador ¹
Tem que passar além da dor.	Doit passer la douleur d'abord.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,	Dieu à la mer donna le péril et l'abîme,
Mas nele é que espelhou o céu.	Mais Il en fit le miroir du ciel.

Bibliografia:

Poètes de Lisbonne. editora Lisbon poets & co

¹ Cabo Bojador, situado no Saara Ocidental.